

BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

JAVÉ “AMA O ESTRANGEIRO, DANDO-LHE PÃO E ROUPA” (Dt 10,18b).

“Peregrino nas estradas de um mundo desigual, espoliado pelo lucro e ambição do capital, do poder do latifúndio e enxotado e sem lugar”. Há um constante vaivém de pessoas de uma região para outra em busca de sobrevivência. Algumas são forçadas, por diversos motivos, a deixar sua terra natal, outras buscam melhores condições de vida e há também aqueles e aquelas que vão em busca de aventura. Quem não mora no lugar em que nasceu é estrangeiro. Conforme o dicionário Aurélio, estrangeiro é aquele que é de outra região, de outra parte, ainda que pertencente ao mesmo país. Estrangeiro significa ainda estranho ou forasteiro.

Na Bíblia, há diferentes palavras para designar o estrangeiro, entre elas podemos citar *ger*, estrangeiro residente; *tôshâb*, peregrino; *zâr*, os de fora, o estranho ou estrangeiro; *nokrí*, forasteiro. A palavra hebraica mais utilizada é *gêr*, que designa aquele que vive em meio a outra comunidade e possui alguns direitos, mas não tem voz nos processos jurídicos. Não é cidadão. O nome do filho de Moisés carrega a memória do tempo que ele viveu em Madiã: “Gersam, pois disse: sou imigrante em terra estrangeira” (Ex 2,22; cf. 18,3). Há textos que lembram ao povo a sua opressão como argumento para reforçar a solidariedade com o estrangeiro: “Não oprimirás o estrangeiro: conheceis a vida de estrangeiro, pois fostes estrangeiros no Egito” (Ex 23,9; cf. 22,20; Dt 10,19).

O problema social dos estrangeiros começa a partir da destruição do reino do Norte, em 722 a.C. Vejamos: Quando os assírios invadiram a Samaria, muitas pessoas se refugiaram no Sul. Nesse período, a cidade de Jerusalém cresceu muito, surgiram vários bairros novos nos seus arredores (cf. 2Rs 22,14). Aqui começou o problema social dos estrangeiros. O primeiro código que orienta a vida do povo – o Código da Aliança (Ex 20,22-23,19) – surgiu nesse período, no final do século VIII ou início do século VII a.C. As normas de proteção social ao estrangeiro não estão restritas apenas aos israelitas do Norte, mas incluem outros povos invadidos pelos assírios que buscaram refúgio em Judá.

As leis mais antigas que estão no livro do Deuteronômio remontam às tradições orais do período inicial da história do povo de Israel. Estas foram retomadas e

reelaboradas na corte no reino do Norte, posteriormente foram relidas no reino do sul, no tempo de Ezequias (716-687 a.C.) e Josias (640-609 a.C.) e, por fim, no exílio e no pós-exílio. Por isso, nesse livro tanto encontramos leis de proteção e apoio aos estrangeiros, como também prescrições que impedem qualquer forma de relacionamento com eles. Por exemplo, uma vez que os estrangeiros não têm direito à propriedade, eles vendem seus serviços aos donos de terra e têm permissão de recolher os frutos caídos: “não rebuscarás tua vinha nem recolherás os frutos caídos no teu pomar. Tu os deixarás para o pobre e para o estrangeiro. Eu sou Javé vosso Deus” (Lv 19,10; cf. Dt 24,19-21).

No Deuteronômio, os estrangeiros são citados ao lado de viúvas, órfãos e levitas: “E te alegrarás diante de Javé, teu Deus – tu, teu filho e tua filha, teu servo, o levita que vive em tua cidade, e o estrangeiro, o órfão e a viúva que vivem no meio de ti, – no lugar que Javé, teu Deus houver escolhido para aí fazer habitar o seu nome” (Dt 16,11; cf. 24,17.19.21). Este código chega lançar a seguinte maldição: “Maldito seja aquele que perverte o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva. E todo o povo dirá: Amém” (Dt 27,19).

Algumas leis possibilitaram condições mais seguras para os pobres, por exemplo, a lei do dízimo: “A cada três anos tomarás o dízimo da tua colheita no terceiro ano e o colocarás em tuas portas. Virá então o levita (pois ele não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva que vivem nas tuas cidades, e eles comerão e se saciarão” (Dt 14,28-29). Outro direito é o de comer nos trigais e nas vinhas: “Quando entrares na vinha do teu próximo poderás comer à vontade, até ficar saciado, mas nada carregues em teu cesto. Quando entrares na plantação do teu próximo poderás colher as espigas com a mão, mas não passes a foice na plantação do teu próximo” (Dt 23,25-26). Estas leis estão baseadas na compreensão de que todas as pessoas têm direito de usufruir as riquezas da terra.

O tratamento solidário com o estrangeiro encontra seu fundamento na própria compreensão da ação de Javé: “Javé vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande e valente, o terrível, que

não faz acepção de pessoas e não aceita suborno; o que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Portanto, amareis o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito” (Dt 10,17-19).

Na voz profética do final da monarquia do Sul, um pouco antes da destruição de Jerusalém (587 a.C.), encontramos o seguinte apelo: “Praticai o direito e a justiça, arrancai o explorado da mão do opressor; não oprimeis o estrangeiro, o órfão ou a viúva, não os violenteis e não derrameis sangue inocente neste lugar” (Jr 22,3). O texto permite perceber que os estrangeiros e os pobres estão sendo espoliados. E Javé, aquele que escuta o clamor dos oprimidos, protege os mais fracos: “Javé protege o estrangeiro, sustenta o órfão e a viúva” (Sl 146,9).

No pós-exílio, começa um processo de exclusão até chegar à eliminação do estrangeiro. No livro do Êxodo, que teve sua redação final nesse período, lemos: “Fica atento para observar o que hoje te ordeno: expulsarei de diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. Abstém-te de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que não te sejam uma cilada” (Ex 34,11-12). A ideia de povo eleito e santo, que inicialmente possibilitou manter a coesão e a identidade do judeu no exílio, agora provoca fechamento e isolamento de outros povos e do povo judeu que havia ficado na terra.

Os conflitos com o povo da terra, com os samaritanos e com os estrangeiros começaram desde a primeira leva de repatriados, em 520 a.C. O grupo de repatriados não aceitou que esses grupos cooperassem na reconstrução do templo. Já havia proibições de se relacionar com as outras nações (Dt 7,1-6), mas, no período Neemias e Esdras, elas são radicalizadas, pois casar com mulheres estrangeiras significava trair o próprio Deus (Ne 13,27; Esd 10,2). No livro de Esdras, lemos: “Cometestes uma infidelidade desposando mulheres estrangeiras: aumentastes desta forma a culpa de Israel! Mas agora rendei graças a Javé, o Deus de vossos pais, e executai sua vontade separando-vos dos povos da terra e das mulheres estrangeiras” (Esd 10,10-11). Seguir a Lei de Javé exige separar-se de outros povos.

Sempre houve uma corrente contrária à exclusão de estrangeiros. Podemos ouvir os ecos nos livros de Jó, Jonas, Rute, do Terceiro Isaías e de alguns salmos, que propuseram a inclusão do estrangeiro. O livro do Terceiro Isaías afirma que os filhos do estrangeiro serão aceitos no templo: “Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (Is 56,7c). O salmo apresenta a voz de alguém que se identifica com o forasteiro: “Ouve a minha prece, Javé, dá ouvidos aos meus gritos, não fiques surdo ao meu pranto! Pois sou forasteiro junto a ti, inquilino como todos os meus pais” (Sl 39,13; cf. 94,6).

Na formação da Torá, por nós conhecida como Pentateuco, que teve sua redação final por volta dos anos 400 a.C., há alguns textos que insistem nas leis de proteção ao estrangeiro. No livro do Levítico, lemos: “O estrangeiro que habita convosco será para vós um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou Javé vosso Deus” (Lv 19,34). De acordo com o livro dos Números, o estrangeiro é sujeito à Lei: “Haverá somente uma lei e um direito, tanto para vós como para o estrangeiro que habita no meio de vós” (Nm 15,16).

Em algumas tradições do Deuterônomo, o povo de Israel é considerado o único povo consagrado a Javé, por isso o estrangeiro não está incluído na observância das normas alimentares (Dt 14,21), mas, conforme o livro do Levítico, o estrangeiro está sujeito à mesma Lei. O capítulo 18 do Levítico, depois de apresentar as proibições sexuais, conclui: “Vós, porém, guardareis meus estatutos e minhas normas e não cometereis nenhuma dessas abominações, nem o cidadão e nem o estrangeiro que habita no meio de vós” (18,26). Ao falar das exigências do sacrifício, o código também inclui o estrangeiro (Lv 17,8; 22,18-20). Os estrangeiros circuncidados podem participar da refeição da Páscoa (Ex 12,47-49).

Não obstante a exclusão dos estrangeiros, provocada pela visão nacionalista e exclusivista de alguns grupos de judeus, sempre houve vozes discordantes. Entre essas vozes, encontramos o movimento de Jesus, que, a exemplo da prática do Mestre, ultrapassou as barreiras do puro e do impuro. No grego comum, a palavra *xenos* significa estrangeiro com direito de residência, e *paroikos* é o forasteiro, sem direito de residência. A mensagem de Jesus foi acolhida por judeus, samaritanos e estrangeiros. Conforme Mateus 25,35, acolher um estrangeiro é acolher o próprio Jesus. No evangelho de Lucas, o samaritano, considerado estrangeiro, é apresentado como o modelo de discípulo que acolhe a pessoa necessitada e lhe dispensa todos os cuidados (Lc 10,29-37). A Primeira Carta de Pedro é dirigida aos “estrangeiros da dispersão”, aos *parepidemos*, os que não pertencem ao povo. Os que pertencem à comunidade são estrangeiros e forasteiros (1Pd 2,11). As comunidades cristãs são chamadas a exercer a hospitalidade, a *filoxenia*, cujo sentido literal seria amor ao estrangeiro (Rm 12,13; 1Pd 4,9). A carta aos Hebreus exorta: “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos” (Hb 13,2; cf. Gn 18,3; 19,2ss).

No movimento de Jesus, todas as pessoas possuem cidadania: “já não sois estrangeiros e forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19). As exortações dirigidas às primeiras comunidades cristãs continuam a nos interpelar hoje. Que nossas casas e os nossos corações sejam espaços de acolhida às pessoas estrangeiras e forasteiras.

APROFUNDAMENTO II

UM DEUS CLEMENTE E MISERICORDIOSO

A proclamação de Jonas sobre a identidade de Javé apresenta cinco palavras diferentes: *hannûn*, gracioso, *raham*, misericórdia, *'arek af*, lento para a ira, *hesed*, amor-fidelidade, e *naham*, voltar atrás, compadecer. Uma compreensão de um Deus próximo e presente na história humana, não a divindade que mora só no templo, presa ao sistema do puro e do impuro (Lv 11-15), que premia ou castiga a pessoa conforme seus méritos (Dt 28).

Eis algumas dicas para melhor compreendermos a afirmação de Jonas.

1. *Hannûn*. Um termo que pode ser traduzido por gracioso ou compassivo. É uma palavra usada na descrição da intervenção de Deus para salvar e/ou ajudar uma pessoa ou uma nação fiel. No Código da Aliança, lemos: "Se tomares o manto de teu próximo em penhor, tu lho restituirás antes do pôr do sol. Porque é com ele que se cobre, é a veste do seu corpo: em que se deitaria? Se clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou compassivo" (Ex 22,25-26). Um Deus que escuta o clamor do pobre. Esta compreensão de fé está na origem do povo de Israel (Ex 3,7-8a).

Na historiografia cronista, escrita no pós-exílio, também está presente a certeza de que Deus é compassivo, porém, conforme o contexto sacerdotal, esta ideia foi associada à fidelidade a Javé e condicionada à ação do ser humano: "Se de fato voltardes para Javé, vossos irmãos e vossos filhos encontrarão misericórdia diante de seus vencedores e poderão regressar a esta terra, pois Javé vosso Deus é cheio de compaixão e ternura. Se voltardes para ele, não afastará de vós a sua face" (2Cr 30,9).

Nesta mesma historiografia, encontramos no livro de Neemias a seguinte afirmação: "Tu és o Deus do perdão, cheio de piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor: não os abandonaste. Em tua grande compaixão, não os exterminaste, nem os abandonaste, pois és um Deus cheio de piedade e compaixão" (Ne 9,17b.31). Neste mesmo sentido, o salmista reza: "Tu, Senhor, Deus de piedade e compaixão, lento para a cólera, cheio de amor e fidelidade" (Sl 86,15; cf. 103,8; 145,8). No Salmo 111,4, Javé é descrito com os mesmos termos: ele "é piedade e compaixão". No Salmo 116,5-6, lemos: "Javé é justo e clemente, nosso Deus é compassivo; Javé protege os simples: eu fraquejava e ele me salvou". Quase sempre há uma associação dos termos *hannûn* e *raham* para expressar quem é Javé: "é piedade, compaixão e justiça" (Sl 112,4).

2. *Raham*. Da mesma raiz dessa palavra, temos *reham*, útero, *rahâmim*, terna misericórdia e *rahûm*, com-

passivo. Essas palavras expressam amor a partir de dentro, que não se traduz com palavras, mas em gestos concretos de cuidado com o outro. O *raham* designa amor profundo, em geral de uma pessoa por alguém que se encontra numa posição inferior. Trata-se de um profundo sentimento de amor, baseado em algum vínculo natural, por exemplo: "Como um pai é compassivo com seus filhos, Javé é compassivo com aqueles que o temem" (Sl 103,13).

O *raham* é uma forma de amor que supõe escolha gratuita: "Javé mostrará sua compaixão para com Jacó; ele voltará a escolher Israel" (Is 49,1). Numa proclamação de esperança, o grupo de Segundo Isaías afirma: "Javé consolou o seu povo, ele se compadece dos seus aflitos" (Is 49,13b). Este grupo transmite a certeza de que Javé resgatará o seu povo: "Por um pouco de tempo te abandonei, mas agora com grande compaixão, te unirei a mim" (Is 54,7). Essa mesma convicção está presente nos textos da tradição exílica de Jeremias: "Eu trarei de volta os cativos e deles terei piedade" (Jr 33,26b). A releitura profética de Miqueias confia no amor fiel de Deus: "Mais uma vez ele terá piedade de nós, pisará aos pés nossas faltas, lançará no fundo do mar todos os nossos pecados" (Mq 7,19). Uma ideia bonita, não?! Um Deus que está sempre disposto a amar e a recomeçar. Perdão é isto. É recomeçar sem- pre. É amar sem impor condições.

3. *'arek af*. O sentido desta expressão é lento ou tardio para a ira. Várias passagens empregam esta expressão para definir a ação de Deus. No livro do Êxodo, lemos: "Javé! Javé... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e fidelidade" (Ex 34,6). Confiando no amor Javé, Jeremias suplica: "Na lentidão de tua ira, não me destruas" (Jr 15,15c). Há grupos que convocam a conversão do povo, certos de que Javé "é bondoso e misericordioso, lento para a ira e cheio de amor" (Jl 2,13b). O que retarda a ira de Deus é a sua compaixão. Transmite a compreensão de um Deus paciente, que espera até o último momento para agir.

Esta mesma certeza está presente na profecia de Naum: "Javé é lento para a ira, mas grande em poder" (Na 1,3a). Mas o profeta também acredita na justiça de Javé que não deixará nada impune. Esta mesma noção está presente no livro dos Números, de tradição sacerdotal: "Javé é lento para a cólera e cheio de amor, tolera a falta e a transgressão, mas não deixa ninguém impune, ele que castiga a falta dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração" (Nm 14,18). De onde vem a ideia de que Deus é lento para a ira? Da experiência do povo de que, apesar de suas dificuldades e de suas



faltas, Deus continua sempre estendendo a sua mão, dando mais uma chance... quase por dias sem fim.

4. *Hesed*. Uma palavra antiga e, por isso mesmo, com várias possibilidades de sinônimos, entre elas amor fiel, amor-fidelidade, solidariedade, amor de aliança, bondade, bondade amorosa, misericórdia. No livro das Lamentações, lemos: “Pois o Senhor não rejeita os humanos para sempre: se ele aflige, ele se compadece segundo sua grande bondade” (Lm 3,32). O salmista compreende que a compaixão de Deus vem de sua *hesed*, uma palavra que implica dever de responsabilidade mútua. Pode ser entendida como solidariedade e fidelidade. É um amor de aliança: “Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura” – na *hesed* e na *rahâmim* (Os 2,21).

5. *Naham*. Esse verbo indica mudança de sentimento ou atitude em relação a uma ação, podendo assumir também o sentido de arrepender-se, consolar, acalmar, compadecer, sentir pena ou compaixão. Trata-se de uma ação humana atribuída a Deus. Este verbo aparece três vezes no livro de Jonas (3,9.10; 4,2). Um Deus com características humanas. Esta teologia aparece em várias passagens da Bíblia, por exemplo, em Gênesis, Javé se arrepende de ter feito o homem (Gn 6,6-7). Em outra passagem, vemos a ideia de Javé como um Deus sensível ao clamor do povo. A tradição do êxodo registra a oração de Moisés: “Abranda o furor da tua ira e renuncia ao castigo que pretendias impor ao teu povo” (Ex 32,12). Segundo a tradição, a oração de Moisés faz Javé voltar atrás (Ex 32,14).

As pessoas acreditam que Javé podia mudar a sua decisão. Segundo a tradição profética, Jeremias é enviado para anunciar aos habitantes de Judá, pois “talvez escutem e se convertam cada um de seu caminho perverso: então eu me arrependerei do mal que pensava em fazer-lhes por causa de seus atos” (Jr 26,3; cf. 26,13; 42,10). Existe sempre a esperança, como podemos ver expresso na profecia de Joel, de que se o povo voltar para Javé, “quem sabe? Talvez ele volte atrás, se arrependa e deixe atrás de si uma bênção” (Jl 2,14).

A convicção de que Javé se compadece do povo, especialmente nas situações de sofrimento, está presente em muitos textos do exílio e do pós-exílio. Na releitura da profecia de Amós aparece na primeira e na segunda visão: “Javé compadeceu-se” (Am 7,3.6). Em contrapartida, a profecia de Zacarias

descreve a destruição de Judá como ação de Javé, da qual ele não se arrepende, mas que novamente resolve fazer o bem a Jerusalém e à casa de Judá (Zc 8,14-15). Alguns grupos acreditam que tudo acontece segundo os desígnios de Javé: o mal e o bem. Nas orações podemos ouvir esse clamor: “Volta, Javé! Até quando? Tem piedade dos teus servos!” (Sl 90,13). Em outra oração, o povo canta: “ele viu a angústia deles, ao ouvir os seus gemidos. Lembrou-se de sua aliança com eles e moveu-se por seu grande amor” (Sl 106,44-45).

O verbo *naham* aparece em várias passagens do Segundo Isaías com o sentido de consolar (40-55). Esse livro inicia com uma ordem: “Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus” (Is 40,1). E mais, o clima é de grande alegria e esperança: “pois Javé consolou o seu povo” (Is 49,13; cf. 51,12). De acordo com a mentalidade profética, o que faz Javé voltar atrás é a sua profunda capacidade de amar, a *raham*. Esse grupo profético anuncia a salvação, pois se aproxima o fim do exílio: “Regozijai-vos, juntas lançai gritos de alegria, ruínas de Jerusalém! Porque Javé consolou o seu povo, ele redimiu Jerusalém!” (Is 52,9).

Dando continuidade ao sonho do Segundo Isaías, o grupo do Terceiro Isaías, mais tarde, proclama que Javé envia pessoas para “consolar todos os enlutados” (Is 61,2). E ele próprio realizará esta missão: “Assim diz Javé: Eis que trarei a paz como um rio e a glória como uma torrente transbordante. Sereis amamentados, sereis carregados sobre as ancas e acariciados sobre os joelhos. Como a uma pessoa que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei; sim, em Jerusalém sereis consolados” (Is 66,12-13). Observe bem a imagem de Deus transmitida por esse grupo. Um Deus muito próximo, comparado com a atitude da mãe.

Em toda a história do povo judeu, as pessoas experimentaram uma presença muito forte de Deus em suas vidas. Na monarquia, com a construção do templo, os reis tentaram unificar e centralizar a religião em Jerusalém, que pouco a pouco passou a ser a única morada de Javé, e o culto passou a ter suas exigências de peregrinações, sacrifícios, cumprimento da Lei. Porém, muitas pessoas continuaram com sua devoção, com a profunda convicção de um Deus da misericórdia, um Deus que ama, a ponto de um grupo proclamar: “Os montes podem mudar de lugar e as colinas podem abalar-se, porém meu amor (*hesed*) não mudará, minha aliança de paz jamais será abalada, diz Javé, aquele que se compadece de ti” (Is 54,10).

E para você, quem é Deus? Onde você o encontra? Como ele se manifesta em sua vida?



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** José Dias Goulart — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - Fax (11) 5579-3627 - editorial@paulus.com.br - www.paulus.com.br — **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

